

Apresentação

As relações entre literatura e hipertexto vêm recebendo a atenção de pesquisadores de universidades brasileiras nas duas últimas décadas. Em levantamento realizado nos Cadernos de Indicadores da Capes foi possível perceber um crescente número de pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação, voltadas para a interface entre tecnologias digitais e literatura. Linhas de pesquisa que fazem parte de programas como o da UNEB (Tecnologias literárias: recursos estilísticos, suporte tecnológico e modos de produção cultural alternativos); da UFF (Culturas tecnológicas: midialidade, materialidades, temporalidades); da UFMG (A intermidialidade em produções culturais contemporâneas); da UFPE (Literatura e Tecnologia; Poesia e Literatura no tempo dos hipertextos: criação e leitura); da FUFPI (Leitura de hipertexto; Literatura digitalizada: novos paradigmas, nova auscultas); da UEL (Hipercontexto: estudos da literatura em meio eletrônico); da UERJ (Entre páginas e telas - mapeando os circuitos literários contemporâneos); da PUC-RIO (Literatura na sociedade midiaticizada: interseções e convergências); da UFAL (Poesia Brasileira Intermídias); da UNIMONTES (Esquecer para lembrar - redes narrativas na cybercultura; As interfaces entre blog, romance e cinema na ficção de Clarah Averbuc); da UFJF (Literatura e hipertexto); UFSC (O Texto Literário em Meio Eletrônico), para citar apenas os que estão em funcionamento e que apresentaram produções (teses, dissertações, livros, artigos), até o ano de 2009. Projetos que vão, aos pou-

cos, agregando pesquisadores não apenas de Letras, mas também de Tecnologias da Informação, Mídias Digitais, entre outras áreas que hoje dialogam com a Literatura.

O interesse pela temática também pode ser percebido na publicação de dossiês em periódicos na Área de Letras (extratos A1 e A2), a exemplo das revistas **Aletria** (Intermedialidade, v. 14, 2006); **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** (Literatura e outras linguagens, n.37, 2011); **Ipotesi** (Literatura e hipertexto, v.14, 2010); **O eixo e a roda** (Poesia e tecnologias, v.20, 2011); **Remate de Males** (Tecnologia das Letras, v.29, 2009.); **Revista da Anpoll** (Multimodalidade e intermedialidade: abordagens linguísticas e literárias, n.27, 2009.); **Revista USP** (Cibercultura, n. 86, 2010); **Revista Galaxia** (Cibercultura revisitada, n.16, 2008.); **Outra Travessia** (Literaturas digitais, v. 1, 2011)

Esse levantamento, embora preliminar e lacunoso, evidencia o crescente interesse nessa área e torna cada vez mais necessário o estabelecimento de fóruns de discussão e produção de materiais críticos que auxiliem pesquisadores e professores a lidar com novas linguagens e possibilidades de criação artística e literária.

Participam desse número da Revista Brasileira de Literatura Comparada pesquisadores de Minas Gerais, Paraíba, Santa Catarina, São Paulo, Pará e Juiz de Fora, além do poeta Cláudio Daniel e do editor do site Musa Rara, Edson Cruz.

A RBLC abre espaço para a experiência do poeta, tradutor e ensaísta Cláudio Daniel, editor da revista eletrônica Zunai, que dialoga com poetas e críticos sobre a arte digital, essa “nova arte que está apenas em seus primórdios”, a espera de um “novo Michelangelo – ou de um novo Mallarmé.” Edson Cruz, editor do site Musa Rara, reflete sobre a eficácia do que chama de webliteratura: “A questão é como colocar o computador e todos os seus agentes a serviço da produção estética e literária. De servir-nos de seus programas para continuar a significar e ressignificar o mundo e as nossas vidas.”

No artigo *O livro, o e-book e a poesia digital: considerações gerais*, Amador Ribeiro Neto, partindo de uma experiência de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da UFPB sobre poesia em meio digital, chama a atenção para as mudanças ocorridas no fazer literário com a entrada em cena das escritas hipertextuais. Numa escrita poética, o autor coloca em diálogo Caetano Veloso e Humberto Eco, Deleuze e Borges, Benjamin e Valery, Gregório de Matos e Santaella, evidenciando que “O livro que um dia Mallarmé projetou, depois Borges sonhou – e, antes deles, Heródoto quis –, este livro virou realidade. Mas realidade virtual. Este livro é o ciberespaço da infolinguagem.”

No artigo *A literatura digital e a sua escritura expandida*, os autores tecem reflexões sobre a obra poética digital “Volta ao fim”, de Alckmar Santos e Wilton Azevedo. A experiência de artista plástico, designer gráfico e poeta de Wilton Azevedo, aliada à pesquisa sobre “informática linguística e literária”, de Cristiano Sales, fazem-nos refletir sobre as intervenções da tecnologia na “lógica de funcionamento das linguagens” e questionar, junto com os autores, “a expansão das escritas umas nas outras, das linguagens umas nas outras, do som-na-imagem-do-verbo”, processos que os autores denominam de *escrita expandida*.

No seu artigo o pesquisador Jorge Luiz Antonio realiza uma revisão histórica e crítica de conceitos e apresenta aos leitores um quadro de referências tanto de obras críticas quanto literárias, especialmente no campo da poesia. Ao final do artigo o autor apresenta alguns exemplos comentados de obras híbridas (desde Mallarmé, 1897 até Gustavo Wojciechowski, 2008).

Lilia Silvestre Chaves convida os leitores para uma “aventura virtual” que começa com a “Galáxia de Gutemberg” e chega até a era da Internet. Viagem histórica, linguística e porque não dizer poética, uma viagem de retorno, como nos ensina Calvino e como evidencia a autora do artigo: “Que antiga a ideia de hipertextualidade! Também a máquina e as palavras no am-

biente virtual são mágicas na relação com a realidade e com a vida (interior e exterior) de cada um de nós. Talvez seja tudo um segredo de ritmo e uma forma de capturar o tempo, tanto na ilha dos naufragos de *Lost* e nas mil e uma noites orientais, quanto na vertiginosa aventura da era eletrônica, todos nós podemos participar”.

Mara Alice Senna Felipe analisa três diferentes obras (*Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, *Gruffin & Sabine*, de Nick Bantock e *Victory Garden*, de Stuart Moulthrop) tomando como ponto de partida e chegada a ação do leitor. Como afirma a autora: “No mundo do hipertexto digital, mudam as relações não só entre leitor e autor, as estruturas até então disponíveis e praticadas no mercado editorial, o fazer literário, mas a própria noção de literatura, que encontra nesta mudança de paradigma um espaço ideal tanto para aprofundar a crise da própria instituição literária quanto para se colocar como alternativa a ela”.

Maria Elisa Rodrigues, unindo teorias e conceitos sobre rede e labirintos, Borges e Calvino, questiona: “Como achar a saída em um espaço que não tem dentro ou fora, como ler hipertextualmente a narrativa literária?” As obras de Calvino e Borges são percorridas pela autora que evidencia “traçados reticulares, hipertextuais, labirínticos”, apontando um modo de pensar a literatura, “a partir de princípios da hipertextualidade”, como “um processo aberto e fluido, objeto de reflexão permanente para o escritor, o leitor, o crítico”.

Mais do que uma apresentação do número temático da RBLC, esse texto se apresenta como um convite, talvez a porta de entrada para um labirinto ou o fio de uma trama de textos nos quais o leitor, agora em primeiro plano, pode escolher os caminhos que vai trilhar.

Paraíba

Ana Cristina Marinho